



GT 044. Mobilidade dos Povos Indígenas: fronteiras, conflitos e desafio dos direitos humanos

Antônio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) - Coordenador/a, Jane Felipe Beltrão (Universidade Federal do Pará) - Coordenador/a, Jorge Eremites de Oliveira (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a

O GT pretende reunir trabalhos de pesquisadores/as que tenham pesquisa sobre os novos contextos ou cenários de mobilidade dos povos indígenas, entre aldeias, entre fronteiras, ou mesmo para centros urbanos, realidades às vezes produzidas por deslocamentos forçados motivados por grandes empreendimentos, ou histórias de expulsão de seus territórios tradicionais e as tentativas de retorno na atualidade. Conforme dados do (IBGE 2010) ao redor de um terço da população indígena vive em espaços urbanos, enquanto outra parte vive em áreas de conflito, em acampamentos em margem de rodovias, ou mesmo em áreas tituladas por particulares, na maioria dos casos, em contextos de extrema violência. A mobilidade indígena muitas vezes é forma de resistência a múltiplas formas de violências: territoriais, culturais, políticas, de gênero, dentre outras, às quais os levam a intensa movimentação política com novas posições frente a um Estado usurpador de direitos, ao mesmo tempo em que procuram ocupar novos espaços políticos, como universidades e agências do próprio governo. Assim, este GT pretende reunir pesquisadores/as com afinidade na temática indígena e áreas afins que tragam contribuições para esse debate.

A morte autoprovocada na visão das famílias terena da Aldeia Limão Verde em Aquidauana - MS

Autoria: Josiane Emilia do Nascimento Wolfart, Antônio Hilário Urquiza Aguilera.

Esta pesquisa consiste em analisar o discurso simbólico e a representação social da morte autoprovocada entre os Terena da Aldeia Limão Verde, do município de Aquidauana/MS. A aproximação inicial com o campo se dará por meio de encontros programados com as professoras e professores, indígenas, que fazem parte da Ação Saberes Indígenas na Escola, nesta mesma aldeia. A intenção destas visitas é a inserção no campo, apresentação da proposta de pesquisa para a comunidade indígena, aproximação com as famílias das vítimas de morte autoprovocada, para que, aos poucos, possa se estabelecer vínculos com os pesquisados. O objetivo da pesquisa é analisar o discurso simbólico e a representação social de pessoas da comunidade, assim como destas famílias que tiveram vítimas de morte autoprovocada. Conhecer como o fato se organiza do ponto de vista comunitário e como é construído o discurso sobre este tema. Como este discurso se organiza do ponto de vista das pessoas envolvidas, a partir da escuta dos familiares, professoras/es e anciãos. Explorar, o discurso religioso (a partir das pregações das igrejas), a partir do imaginário social dos sujeitos desta pesquisa. A partir da realidade levantada no work de campo, realizar o diálogo com os teóricos que estudaram o tema da morte autoprovocada entre os povos indígenas. Será apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com o objetivo de zelar pelo sigilo dos depoimentos dos pesquisados. O work de campo será desenvolvido a partir da etnografia, baseado em procedimentos como, a observação participante, aproximação com a comunidade, entrevistas semiestruturadas com as famílias das vítimas e com as professoras as quais possibilitarão explorar o imaginário social, no que diz respeito a compreensão da comunidade indígena sobre o fato. Serão realizadas outras técnicas, como o levantamento de história de vida das/os jovens vítimas da morte autoprovocada, participação em atividades do grupo, e registro em Diário de Campo, rememorando as reminiscências do que ali foi vivido. Para conduzir o tema explorado nesta pesquisa,



será realizado um levantamento bibliográfico sobre os principais estudos acerca da morte autoprovocada, utilizando work do campo da etnologia, como por exemplo, os desenvolvidos por Brand (1997), Merhy (1991; 1994), Erthal (1998), Morgado (1991), Levcovits (1998), Dal Poz (2000), Pimentel (2005), dentre outros. works que trazem problematizações sobre o tema e que vão auxiliar as atividades de campo, durante as entrevistas com os pesquisados como também, na construção da escrita etnográfica.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

